



Pedro Luís Sala Vieira

Memória e intertextualidade: a presença shakespeariana nas traduções brasileiras de *Ulysses*, de James Joyce

Memory and intertextuality: the Shakespearian presence in Brazilian translations of James Joyce's *Ulysses*

Pedro Luís Sala Vieira¹
UFF/UFRJ

pedrosala28@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/3584781577473760>

¹ Graduado em Letras Português-Inglês pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre em Linguística Aplicada pela mesma instituição e Doutor em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Possui experiência em ensino de Língua Portuguesa e Língua Inglesa e em tradução e revisão de textos no par Português-Inglês. Seus interesses de pesquisa envolvem os estudos de tradução e recepção literária. Deseja se desenvolver academicamente nesta área e exercer profissionalmente o ofício de tradutor. Professor de Inglês do Quadro Efetivo da Fundação Municipal de Educação de Niterói e professor de Língua Inglesa da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques. Atualmente também ministra, na condição de professor substituto, as disciplinas de Didáticas e Prática de Ensino de Letras Português-Inglês na Faculdade de Educação da UFRJ. É membro do grupo de pesquisas Joyce Studies in Brazil, vinculado ao CNPq, e da equipe do grupo de estudos Here Comes Every Joyce, vinculado ao projeto Ateliê Literário da UERJ.

VIEIRA, Pedro Luís Sala. Memória e intertextualidade: a presença shakespeariana nas traduções brasileiras de *Ulysses*, de James Joyce. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 59-77.



Memória e intertextualidade: a presença shakespeariana nas traduções brasileiras de Ulysses, de James Joyce

Resumo: O texto traduzido ocupa um lugar na história e na tradição literária, possuindo autonomia relativa em relação ao texto dito “original”, pois tanto o processo tradutório quanto o resultado final são profundamente marcados pelo seu tempo histórico. A obra traduzida, embora autônoma, resguarda uma relação de isomorfia diante da obra da qual resultou (Campos, 2011). O caráter poético do texto literário que constitui a sua informação estética resguarda uma impossibilidade de equivalência, o que suscita a necessidade de sua recriação. *Ulysses*, de James Joyce, é profundamente marcada por referências e alusões à obra de William Shakespeare. Shakespeare, constituindo a figura de artista ideal, se reflete como uma espécie de paternidade divina para Joyce, também constituindo-se como uma espécie de “fantasma do precursor”. A intertextualidade, principalmente quando implícita, pressupõe o acesso do leitor a uma memória discursiva, coletiva e cultural. Apesar de sua amplitude na cultura literária global, a obra de Shakespeare não possui o mesmo “eco” em outras línguas e culturas que não compartilham das mesmas referências culturais atreladas ao dramaturgo inglês. O presente artigo discute, portanto, os seguintes questionamentos: de que modo a tradução de uma obra pode recriar os elementos intertextuais de outra obra para uma cultura que não compartilha dessa memória coletiva? Partindo deste ponto de discussão, são analisados trechos de diferentes traduções brasileiras da obra-prima de Joyce sob o prisma shakespeariano.

Palavras-chave: Joyce; Shakespeare; *Ulysses*; tradução; intertextualidade.

Abstract: The translated text occupies a place in history and literary tradition, and has relative autonomy in relation to the so-called “original” text, since both the translation process and the final result are deeply marked by their historical time. The translated work, although autonomous, retains an isomorphic relationship with the work from which it was derived (Campos, 2011). The poetic character of the literary text that constitutes its aesthetic information holds an impossibility of equivalence, which leads to the need to recreate it. James Joyce's *Ulysses* is deeply marked by references and allusions to the work of William Shakespeare. Shakespeare, constituting the figure of the ideal artist, is reflected as a kind of divine paternity for Joyce, also constituting a kind of “ghost of the precursor”. Intertextuality, especially when implicit, presupposes the reader's access to a discursive, collective and cultural memory. Despite its breadth in global literary culture, Shakespeare's work does not have the same “echo” in other languages and cultures that do not share the same cultural references linked to the English playwright. This article therefore discusses the following questions: how can the translation of a work recreate the intertextual elements of another work for a culture that does not share this collective memory? Starting from this point of discussion, we analyze excerpts from different Brazilian translations of Joyce's masterpiece from a Shakespearean perspective.

Keywords: Joyce; Shakespeare; *Ulysses*; translation; intertextuality.

1. Introdução

VIEIRA, Pedro Luís Sala. Memória e intertextualidade: a presença shakespeariana nas traduções brasileiras de *Ulysses*, de James Joyce. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 59-77.



Pedro Luís Sala Vieira

A estética da recepção de Hans Robert Jauss, em meio a uma discussão por uma nova perspectiva à historiografia de literatura, vincula a “sobrevivência” da obra literária à superação do horizonte de expectativas do leitor/receptor em diferentes períodos da história, condicionando a sua retomada e atualização por gerações posteriores ao contexto inicial de produção da obra: “[...] na medida, pois, em que haja leitores que novamente se apropriem da obra passada, ou autores que desejem imitá-la, sobrepujá-la ou refutá-la” (p. 26). Neste sentido, a história das obras literárias e a formação do cânone se relacionam diretamente com as normas e convenções que se organizam e determinam a sua categoria em determinado contexto sociohistórico. A existência de uma tradição que se consolida ao longo da história permite que as peças de William Shakespeare (1564-1616), a título de exemplo, ainda ocupem uma posição central no cânone literário a nível global, o que se comprova com o esforço de produzir novas montagens teatrais, adaptações cinematográficas e traduções e retraduições contínuas, garantindo a subsistência da obra.

De acordo com Stanley Fish (1980) o reconhecimento de determinado texto ou manifestação textual como literatura em qualquer época e contexto resulta de uma decisão consciente ou inconsciente de uma comunidade cultural a respeito do que se define como “literário” – o que o estudioso denomina “comunidade interpretativa”, responsável também por redefinir e reformular o cânone literário, sendo a razão do grau de relevância de determinados escritores se modificar de acordo com o contexto sociocultural. A formação de um cânone literário em determinada cultura, portanto, se materializa também por meio das práticas da memorização e do esquecimento, dado que algumas obras literárias constituem textos de leitura fundamental do sistema ao qual pertencem, enquanto outras podem habitar por um tempo este corpo seletivo para depois ser conduzido ao canto obscuro da memória - o que não impede, porém, de ser resgatada em outro momento da história.

Paul Ricoeur, em conferência a respeito do tema da memória e do esquecimento em Budapeste, no ano de 2003, atribui o sentido moderno de memória à reapropriação do passado histórico, traçando uma distinção com a reconstrução dos fatos passados ou

VIEIRA, Pedro Luís Sala. Memória e intertextualidade: a presença shakespeariana nas traduções brasileiras de *Ulysses*, de James Joyce. *Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica*, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 59-77.



Memória e intertextualidade: a presença shakespeariana nas traduções brasileiras de Ulysses, de James Joyce

o reconhecimento destes, definindo a memória como meio para registrar o rastro deste evento passado. A memória, neste sentido, deixa de ser matriz da história para tornar-se objeto desta: “É no ponto de interseção entre a história como trabalho literário e a leitura como meio de recepção privilegiado, no sentido de uma hermenêutica da recepção, que a memória é instruída; ela é instruída por esses dois processos, de escrita e de leitura”². Ricoeur também lembra que as recordações são formadas por narrativas necessariamente seletivas. Embora o filósofo francês tenha se debruçado sobre o tema da memória coletiva no sentido da necessidade do registro do testemunho de eventos passados traumáticos, podemos traçar este paralelo com a formação da seleção de obras fundamentais em determinada cultura, compondo a consolidação de uma tradição literária atrelada a uma comunidade cultural específica.

A tradição literária, portanto, se relaciona diretamente com a construção de uma memória coletiva e cultural, constituindo uma releitura do passado sob a ótica do presente. Esta releitura consiste em um tipo de tradução, operando um movimento intelectual na consciência receptora no qual se apropria de elementos do passado para iluminá-los no presente. No âmbito desta relação entre tradição literária e memória cultural, adentramos no universo da intertextualidade literária e em suas implicações na tradução de literatura. No caso do presente trabalho, tratamos da presença notória de Shakespeare na obra do autor irlandês James Joyce (1882-1941) e a relação desta intertextualidade com a existência de uma memória cultural e coletiva em torno da obra shakespeariana ao público leitor de Joyce em seu contexto original.

Em obra a respeito do tema, Laura Pelaschiar resume a presença shakespeariana no texto de Joyce nos seguintes termos: “A existência de Shakespeare em Joyce é tentacular e funciona em diversos níveis distintos: cultural, estrutural, político, temático, contrapontístico, imitacional, citacional (incluindo as errôneas), estilístico, lexical,

² Conferência escrita em inglês e proferida por Paul Ricoeur em conferência internacional realizada em Budapeste, Hungria, em 8 de março de 2003. Traduzida pelo doutorando Hugo Barros, do Instituto de Estudos Filosóficos da Universidade de Coimbra sob supervisão de sua coordenadora. Disponível em: https://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/memoria_historia. Acesso em 23 set 2020.



Pedro Luís Sala Vieira

psicológico, psicoliterário³” (2015, p. vii, tradução minha). Tamanha relevância do dramaturgo inglês para a obra de Joyce também se reflete nas traduções deste autor para outras línguas e culturas, conduzindo-nos a discutir a relação da tradução da intertextualidade literária com aspectos da tradição literária e memória cultural atrelada ao inconsciente coletivo de determinada comunidade interpretativa.

Considerando os pressupostos delineados acima, o objetivo deste artigo consiste em entrelaçar a intertextualidade de Shakespeare com Joyce nas traduções brasileiras de *Ulysses* com o conceito de memória. Em outros termos, pretende-se discutir o conceito de memória coletiva à luz do estudo da intertextualidade shakespeariana nas traduções brasileiras do romance de Joyce. O foco do presente estudo reside no nono episódio da obra, “Scylla and Charibdys”, amplamente conhecido como *The Hamlet Chapter* por girar em torno de um debate a respeito do dramaturgo e de sua principal tragédia com outros intelectuais e acadêmicos na Biblioteca Nacional de Dublin.

As traduções de *Ulysses* que compõem o corpus da presente análise pertencem a momentos e contextos diversos de produção e recepção. A primeira tradução, do lexicógrafo, filólogo, crítico literário e diplomata Antônio Houaiss (1915-1999), foi publicada em 1966 pela Civilização Brasileira, constituindo a primeira tradução desta obra em português. A versão utilizada neste trabalho consiste na 2ª edição revista publicada em 1967. A segunda tradução da obra publicada no Brasil data de 2005, por Bernardina da Silveira Pinheiro (1922-2021), professora emérita da Universidade Federal do Rio de Janeiro e especialista na obra do autor. Em 2012, foi publicada a última e mais recente tradução, de Caetano Galindo (1973-), professor de Linguística Histórica da UFPR e também especialista em Joyce, pela Penguin/Companhia das Letras. Neste artigo, utiliza-se a edição publicada em 2022 em homenagem ao centenário de publicação do romance.

2. A tradução literária: o intertexto como um segundo labirinto

³ "Shakespeare's existence in Joyce is tentacular and functions on many different levels: cultural, structural, political, thematic, contrapuntal, imitational, quotation/misquotational, stylistic, lexical, psychological or psycholiterary"

VIEIRA, Pedro Luís Sala. Memória e intertextualidade: a presença shakespeariana nas traduções brasileiras de *Ulysses*, de James Joyce. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 59-77.



Memória e intertextualidade: a presença shakespeariana nas traduções brasileiras de Ulysses, de James Joyce

Os estudos de tradução literária, de um modo geral, concebem a tradução como um tipo de reescrita, uma reformulação do texto-fonte com destino e endereço específico, havendo determinados percalços no caminho traçado pelo texto no deslocamento cultural ao qual se submete. A tradução constitui um tipo de reescrita do texto-fonte, cujo produto final – o texto traduzido – sofre influência da ideologia e poética do seu tempo histórico (Lefevere, 1992). As teorias da tradução normalmente se debruçam sobre o aspecto do processo tradutório e os efeitos e diferenças que se inscrevem no texto traduzido em relação ao seu correspondente na língua de partida. No percurso trilhado durante a operação tradutora, podemos correlacionar a tarefa do tradutor a uma empreitada labiríntica no sentido rizomático do termo.

O texto traduzido, portanto, ocupa um lugar na história e na tradição literária, possuindo autonomia relativa em relação ao texto dito “original”, pois tanto o processo tradutório quanto o resultado final são profundamente marcados pelo seu tempo histórico. Em suma, a tradução percorre uma história própria, distinta do texto do qual deriva, conforme assinala Venuti (2005):

The temporality of a translation differs from that of the foreign text because languages and cultures undergo different forms and speeds of development. As a result, a translation reveals historical continuities and divergences between the two languages and cultures that it brings into contact. Furthermore, not only is every stage in the production of a translation profoundly marked by its historical moment, but its circulation and reception inevitably trace a history that is distinct from the destiny of the foreign text (p. 801).

A posição de autonomia relativa também se encontra na concepção de transcrição desenvolvida por Haroldo de Campos diante da tese da intraduzibilidade poética. Ainda que se refira à tradução de poesia, é possível estender esta noção a todo texto de caráter poético, cujo elemento criativo predomina em relação ao seu conteúdo referencial. Neste sentido, a transcrição constitui a recriação do texto criativo por meio

VIEIRA, Pedro Luís Sala. Memória e intertextualidade: a presença shakespeariana nas traduções brasileiras de *Ulysses*, de James Joyce. *Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica*, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 59-77.



Pedro Luís Sala Vieira

da operação tradutora: a informação estética é codificada em outra língua, de forma autônoma, porém conectada à língua de partida por uma relação de isomorfia: “serão diferentes enquanto linguagem, mas, como os corpos isomorfos, cristalizar-se-ão dentro de um mesmo sistema” (Campos, 2011, p. 34).

Toda tradução consiste da mediação e do contato entre duas línguas e duas tradições culturais, o que pressupõe o conflito entre dois conjuntos de normas.

Os deslocamentos de espaço e tempo aos quais o tradutor se submete configuram uma espécie de labirinto rizomático, isto é, uma rede em que em que vários caminhos partem de origens distintas e se reencontram em variadas intersecções.

A intertextualidade, quando profundamente marcada no texto literário, se apresenta como um segundo labirinto ao tradutor, uma vez que este precisa percorrer outras camadas além do primeiro labirinto que constitui a tradução em si, sendo obrigado a desdobrar-se em outros caminhos que surgem no decorrer do processo tradutório. O tradutor não se depara apenas com o texto literário que se propõe a verter para outra língua e sistema cultural, mas também com outros textos situados em outras camadas – os *intertextos*, elementos fundamentais para a compreensão do sentido e do *modo de intencionar*⁴ do autor.

Dentro de um sentido mais restrito, a intertextualidade consiste na inserção de um texto – o intertexto – dentro de outro texto, e tal intertexto seria reconhecido por meio da memória sociocultural de uma dada coletividade. Esse entendimento parte do pressuposto de que o leitor da obra na qual se apresenta esta intertextualidade literária compartilha de um universo literário semelhante ao do autor. Nesse sentido, o acesso ao intertexto oculto é fundamental para a construção de sentido. Os textos-fontes que constituem as origens desses intertextos compõem a memória coletiva (social) da comunidade.

⁴ Segundo Haroldo de Campos (2011), com base na teoria da linguagem de Walter Benjamin e o seu escrito *A tarefa do tradutor* (1923), o *modo de intencionar* da língua estrangeira que deve ser desvelado pelo tradutor corresponde à forma significante da língua, abrangendo tanto a forma do conteúdo quanto o seu modo de expressão.



Memória e intertextualidade: a presença shakespeariana nas traduções brasileiras de Ulysses, de James Joyce

No caso da presença shakespeariana nas traduções brasileiras de *Ulysses*, não existe uma memória coletiva ou cultural do leitor brasileiro em relação a Shakespeare na mesma amplitude que ocorre ao leitor pertencente ao universo literário e cultural em língua inglesa. Esta questão foi diretamente abordada no artigo “Spectral Shakespeare in *Ulysses* Translation”, de autoria dos pesquisadores joycianos Fritz Senn, Jolanta Wawrzycka e Veronika Kovács, que mapearam e estudaram o intertexto shakespeariano em traduções de *Ulysses* para o francês, alemão, italiano, húngaro, polonês e espanhol, buscando responder o seguinte questionamento: “o quanto de Shakespeare, reconhecível ou não, está tecido na textura das traduções?”⁵ (2016, p. 131).

A primeira conclusão dos autores resultante deste mapeamento e da análise estabeleceu que diversas alusões não alcançam a cultura-alvo, alcançando visibilidade por meio de paratextos: “as citações famosas sobrevivem facilmente ao deslocamento, mas há muito de Shakespeare implícito que não se insere na tradução, a não ser por meio de comentários e notas”⁶ (2016, p. 132). De acordo com as suas observações, as traduções para o alemão, por exemplo, tendem a obedecer à correspondência intertextual pois a obra shakespeariana na língua e cultura alemã se tornou canônica em virtude das traduções de August Schlegel e Ludwig Tieck, nas quais os tradutores alemães de Joyce se basearam por constituírem uma referência na comunidade cultural em que vivem. Mas este mapeamento também aponta que outras culturas, mesmo quando possuem traduções de Shakespeare em seu histórico, não absorvem essa troca por não haver uma tradução de referência da obra shakespeariana.

3. A tradição literária e o precursor em James Joyce

⁵ “how much Shakespeare, recognizable or not, is woven into the texture of translations?”

⁶ the very well-known quotes survive the transit easily, but that a lot of embedded Shakespeare will not make it into the translations, except by way of comments and notes

VIEIRA, Pedro Luís Sala. Memória e intertextualidade: a presença shakespeariana nas traduções brasileiras de *Ulysses*, de James Joyce. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 59-77.



A relação entre Joyce e Shakespeare possui variadas camadas que suplantam o aspecto intertextual. Harold Bloom (1996) chama atenção para a figura da paternidade divina, como Shakespeare se apresenta para Joyce. Na concepção de Joyce, Shakespeare não possui precursor nem sucessor, no sentido de que o que ele criou foi inteiramente original e jamais poderá ser reproduzido por terceiros: “Ele [Shakespeare] não tem precursor nem sucessor, o que é claramente a visão idealizada que Joyce tem de si mesmo como autor” (Bloom, 1996, p. 407). Ao tratar da relação entre os dois autores, Benjamin Boysen (2005) destaca a questão da ambivalência com a qual Joyce lidava para com a figura de Shakespeare, o que se reflete tanto em *Ulysses* como em *Finnegans Wake*: “Shakespeare constituiu-se como uma espécie de religião para Joyce, tratando-se de um *dio boia* (um deus carrasco), e este precursor inglês obscureceu tudo que Joyce fez como artista: ele foi nada menos do que o progenitor artístico de Joyce”⁷ (p. 160, tradução minha). Um fator que também indica a relevância de Shakespeare na obra de Joyce incide na outra face desta relação de ambivalência: o dramaturgo como um espectro do passado.

Esse fantasma do precursor é um tema importante em *Ulysses*, principalmente no que concerne esta relação do autor com o Shakespeare. Joyce concebia Shakespeare como uma espécie divina, que criou o seu universo, até hoje objeto de culto por aqueles que sucederam; a arte possui caráter criador: “Minha arte não é um espelho refletindo a natureza. É a natureza que reflete a minha arte”⁸ (Joyce apud Ellmann, 1966, p. 667, tradução minha) Neste sentido, Joyce compara Shakespeare a Deus em algumas passagens, principalmente no capítulo 9, como na fala de John Elington: “Depois de Deus Shakespeare foi quem mais criou”⁹ (2022, p. 227). No mesmo capítulo, Stephen denomina o bardo como o “dramaturgo que escreveu o fólho deste mundo”¹⁰ (2022, p. 227).

⁷ “Shakespeare figured as a kind of religion for Joyce, he was a *dio boia* (a hangman god), and this English forerunner shadowed everything that Joyce did as an artist: He was simply Joyce’s artistic progenitor”

⁸ “My art is not a mirror held up to nature. Nature mirrors my art”

⁹ Tradução de Caetano W. Galindo (Penguin/Companhia das Letras, 2022).

¹⁰ Tradução de Caetano W. Galindo (Penguin/Companhia das Letras, 2022).



Memória e intertextualidade: a presença shakespeariana nas traduções brasileiras de Ulysses, de James Joyce

Boysen (2005) também aponta para a relação complexa do personagem de Stephen Dedalus com os fantasmas do seu passado, uma vez que ele tenta a todo tempo renegar a sua família, sua religião, ou seja, seus precursores – em outras palavras, aqueles que vieram antes dele e são responsáveis, de certo modo, por sua existência e formação. Joyce opôs-se aos anseios relacionados à sua religião, à sua família e aos movimentos políticos e culturais de sua terra natal – e os indícios dessa lógica se encontram tanto em sua vida biográfica quanto em sua literatura. Shakespeare não apenas forma parte integrante deste processo como se constitui nele em sua essência. O bardo é precursor que ocupa uma posição divina na obra de Joyce ao mesmo tempo em que também assombra o autor irlandês: “Os vivos são assombrados pela história, pela tradição e por todas as gerações mortas e por seus predecessores [...] Toda ação presente é em parte uma reação a um passado assombrando incessantemente a presença dos vivos”¹¹ (Boysen, 2005, p. 162, tradução minha).

Joyce concebe a figura do precursor como um espectro, uma aparição que assombra os autores posteriores porque estes jamais conseguirão atingir o patamar daqueles, e por essa razão devem trabalhar para superá-los. Neste sentido, o cânone é formado pela contínua tentativa de superar o patamar de outrora. Esta ambivalência de Joyce em relação à Shakespeare se encontra incorporada na obra do autor irlandês, o que evidencia que não se limita à citação de um autor fundamental para a sua formação literária. Com base no peso que Shakespeare dispõe na obra de Joyce, os tópicos seguintes discutirão como essa interferência se evidencia nas traduções brasileiras da obra.

4. Memória e Intertextualidade

¹¹ “The living are haunted by history, tradition, all the dead generations and the predecessors [...] Every present action is partly a reaction to a past unceasingly haunting the presence of the living”

VIEIRA, Pedro Luís Sala. Memória e intertextualidade: a presença shakespeariana nas traduções brasileiras de *Ulysses*, de James Joyce. *Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica*, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 59-77.



Pedro Luís Sala Vieira

A discussão em torno da intertextualidade e seu vínculo com tradição e memória não tratam necessariamente da questão da influência literária ou da filiação do autor a determinada tradição ou escola, mas na compreensão de que a literatura é formada por um processo contínuo de obras que surgem na medida em que novos contextos sócio-históricos se formam, compondo o que Roland Barthes (1987) denomina de *texto infinito*. O teórico francês argumenta que os autores que servem de referências e alusões em obras posteriores constituem uma lembrança circular ao invés de uma autoridade. De acordo com o teórico francês, o caráter plural de um texto não provém da coexistência de significações, mas de seus respectivos cruzamentos.

A infinitude do texto também pode ser discutida na definição de Mikhail Bakhtin de enunciado como um elo em uma cadeia infinita de discursos. Nos termos do filósofo soviético, a compreensão e a recepção da significação de um discurso pelo ouvinte-leitor se realizam por meio de uma atitude responsiva e ativa deste em relação ao enunciado proferido: “Um enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação verbal de uma dada esfera” (Bakhtin, 1992, p. 315). Os enunciados refletem-se mutuamente, constituídos pelos ecos e lembranças de outros enunciados, vinculados numa esfera comum da comunicação verbal. O sentido de um texto não se realiza apenas pela sua significação, mas também pelas relações dialógicas, interdiscursivas ou intertextuais estabelecidas com textos anteriores.

A preservação da memória cultural no inconsciente coletivo e sua transmissão contínua por meio de uma tradição constituem traços elementares de nossa sociedade, haja vista que neles se inscrevem questões essenciais de nossa história e cultura. A escrita e a tradução são processos que contribuem para a conservação dessa memória, mas não necessariamente tratando de uma fixação ao passado, conforme atesta Jean-Marie Gagnebin: “A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente” (Gagnebin, 2006, p. 55).

Márcio Seligmann-Silva (1999) aponta paralelos entre a rememoração de eventos do passado e o processo tradutório, argumentando que a consciência histórica se sustenta numa ideia objetiva da existência de um passado passível de tradução,

VIEIRA, Pedro Luís Sala. Memória e intertextualidade: a presença shakespeariana nas traduções brasileiras de *Ulysses*, de James Joyce. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 59-77.



Memória e intertextualidade: a presença shakespeariana nas traduções brasileiras de Ulysses, de James Joyce

enquanto a memória se relaciona com eventos do passado por meio de “traços/imagens” que povoam o nosso presente: “pois a memória coletiva é o resultado sempre cambiante de diversas ‘visões’ individuais do ocorrido” (Seligmann-Silva, 1999, p. 160). Neste sentido, a tradução se revela como uma operação infinita. Assim como a memória, a atividade tradutória sempre precisa retomar o “delicado fio da experiência para tecer a nossa identidade” (p. 161). Neste processo, o passado e suas particularidades são traduzidas com os olhos do presente, uma vez que se trata de uma interpretação. O texto dito como “original”, sob este viés, seria a tradução de outros textos da “tradição literária”.

Susana Lages (2011) também discute a relação entre tradução e memória ao traçar um paralelo entre a tarefa do tradutor e o trabalho de rememoração com base no pensamento de Walter Benjamin. De acordo com o filósofo alemão, o texto traduzido se situa em posição exterior à obra literária, concebendo-se de forma diversa a esta e necessitando buscar na língua de chegada o eco do original. O texto traduzido deve convocar o original para reproduzir na própria língua a ressonância da obra literária estrangeira. A diferença da tradução para o seu original reside, portanto, na imagem do eco: a obra original se dirige a um contexto de linguagem, enquanto a tradução dirige-se à língua de chegada.

No deslocamento produzido pela tradução dos elementos da cultura-fonte submetidos ao labirinto da tradução, encontra-se o desdobramento resultante da intertextualidade, criando um segundo labirinto no meio do processo. A compreensão da relação de sentido das relações intertextuais presentes no texto literário se concretiza por meio da conexão da obra à memória cultural ao qual se atrela, uma vez que tem como base as relações de sentido passíveis de construção e elaboração pela mente do receptor. O conceito de intertextualidade, portanto, se comunica diretamente com a concepção de memória coletiva. O presente trabalho se questiona a respeito da (im)possibilidade de verter, reconstruir ou reformular (ou mesmo transcriar) o componente intertextual



Pedro Luís Sala Vieira

relacionado ao textos de Shakespeare em obra literária diversa a um público que não partilha das mesmas referências culturais do sistema de origem desta obra. O objetivo desta análise é discutir o conceito de memória a partir deste questionamento.

Na seção seguinte, apresentaremos a análise de passagens do nono episódio da obra, “Scylla and Charybdis”, o qual apresenta Stephen Dedalus em um embate intelectual com acadêmicos na Biblioteca Nacional de Dublin enquanto o personagem apresenta a sua teoria sobre *Hamlet*. Os trechos selecionados das traduções brasileiras do romance apresentam relações intertextuais com a obra shakespeariana e foram vertidos e abordados de formas distintas por cada tradutor, conforme será observado e discutido nos próximos parágrafos. O objetivo consiste em discutir se as referências e alusões provocam o mesmo eco/efeito estético na memória cultural e coletiva da cultura receptora.

5. As traduções brasileiras: uma análise do “*Hamlet Chapter*”

No episódio “Scylla and Charibdys”, o nono de *Ulysses*, Stephen disserta a respeito de uma teoria sobre a influência da vida pessoal de Shakespeare na composição de *Hamlet*, e apresenta a sua tese num embate retórico com outros intelectuais na Biblioteca Nacional de Dublin. De acordo com a sua hipótese, a figura de Shakespeare corresponde ao pai de Hamlet, o rei assassinado, enquanto o príncipe Hamlet seria uma referência ao filho natimorto do bardo, chamado Hamnet. Além disso, o tema do adultério também se encontra presente ao afirmar que a traição de Gertrude corresponderia aos supostos casos extraconjugais de Ann Hathaway. Para Stephen, portanto, a obra literária deve ser analisada à luz da biografia do autor.

Com o objetivo de ilustrar o pensamento exposto neste trabalho, recorreremos a uma análise do capítulo nono de *Ulysses*, intitulado “Scylla and Charybdis”. O episódio se situa na Biblioteca Nacional de Dublin, local do debate entre intelectuais e eruditos que recepcionam e reagem ao discurso de Stephen Dedalus sobre a sua teoria de *Hamlet*. De acordo com John McCourt (2015), a relação deste episódio com o restante

VIEIRA, Pedro Luís Sala. Memória e intertextualidade: a presença shakespeariana nas traduções brasileiras de *Ulysses*, de James Joyce. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 59-77.



Memória e intertextualidade: a presença shakespeariana nas traduções brasileiras de Ulysses, de James Joyce

da obra constitui um elo entre as biografias de Joyce e Shakespeare, o que o torna o mais importante na discussão a respeito da intertextualidade entre os dois autores:

O fato de “Cila e Caribde” ter sido o primeiro episódio concluído por Joyce, ao qual ele costumava se referir como o capítulo de Hamlet, e que veio a constituir um ponto de virada ou um ponto de não retorno no âmbito global do texto (é o nono de dezoito episódios), torna evidente a centralidade dos elementos de *Hamlet* no *Ulisses* como um todo. Em *Ulisses*, a força de Hamlet é percebida na forma como Joyce explora questões como a relação entre pai e filho, o tema da paternidade, a questão do adultério, as relações entre a biografia de um escritor e suas obras escritas, e o debate acerca do pertencimento de uma grande escritor ‘nacional’¹². (p. 73)

O primeiro exemplo do episódio que merece destaque ocorre no momento em que Stephen Dedalus aprofunda a sua teoria a respeito da peça, traçando uma relação direta entre os eventos da vida privada de Shakespeare e os enredo de sua tragédia mais conhecida. Em tom crítico, Russell dispara uma crítica a esta abordagem, evocando a seguinte reação interna em Stephen antes que este procedesse com a sua argumentação: “Art thou there, truepenny?”. Tal reação remete às palavras de Hamlet dirigidas ao seu pai enquanto este solicitava que Marcellus, Bernardo e Horácio jurassem segredo em relação à sua aparição: “Ha, ha, boy! Sayst thou so? *Art thou there, truepenny?* / Come on, you hear this fellow in the cellarage. / Consent to swear” (I.v.149-152). De acordo com Phillip Edwards, “truepenny” significa “trusty fellow”, denotando a ideia de alguém de confiança, um companheiro, um amigo – embora na peça esta denominação esteja carregada de ironia, pois o próprio Hamlet ainda não aparenta ter certeza a respeito da aparição que testemunhou, conforme se deduz no decorrer da peça.

¹² The fact that “Scylla and Charybdis” was Joyce’s first completed episode, that he habitually referred to it as the Hamlet chapter, and that it came to occupy a turning point or a point of no return within the overall text (it’s the ninth of eighteen episodes), makes manifest the centrality of the Hamlet elements in *Ulysses* as a whole. In *Ulysses*, the force of Hamlet is felt in how Joyce explores the father-son relationship, themes of paternity and usurpation (literary and real), the subject of betrayal, the connections between a writer’s biography and his written texts, and the question of belonging for a great “national” writer” (p. 73).



Pedro Luís Sala Vieira

As diferentes decisões no tocante à tradução desta passagem despertam variadas impressões. Houaiss optou pela formalidade no tratamento: “Estás tu aí, ó veraz” (p. 215), enquanto Pinheiro decidiu aproximar a passagem para uma linguagem mais próxima da forma coloquial: “Você está aí, meu chapa?” (p. 230). Galindo, por sua vez, verteu do seguinte modo: “Estás aí, companha meu?” (p. 343). O termo “veraz” empregado por Houaiss remete ao que é verdadeiro ou produz a verdade, exprimindo o sentido de indivíduo de confiança, porém sem encarnar o elemento irônico presente na fala de Hamlet. As opções de Pinheiro e Galindo exprimiram com maior nitidez a relação de companheirismo que o termo em inglês incorpora, possibilitando a interpretação da ironia presente em Shakespeare. O uso do termo “truepenny” em inglês, sobretudo no contexto de uma obra literária, possibilita a associação imediata à obra de Shakespeare. A percepção imediata desta mesma referência em português, no entanto, apenas seria possível caso houvesse uma tradução deste termo que associasse diretamente ao bardo.

Stephen descreve os movimentos do bibliotecário ao adentrar a biblioteca da seguinte forma: “tiptoeing up nearer heaven by the altitude of a chopine” (p. 158). Os termos destacados aparecem nas palavras de Hamlet ao apresentar os atores da peça *A Ratoeira*, peça encenada em *Hamlet* com o propósito de observar a reação de Claudius diante de uma representação teatral de seu assassinato, para os membros da corte dinamarquesa. Neste momento, o príncipe dirige-se a um ator adolescente vestido como mulher para interpretar um personagem feminino (pp. 387-389): “your ladyship is nearer to heaven than when I saw you last by the altitude of a chopine” (II.ii.387-389)”. Edwards define “Chopine” como um sapato de salto alto feminino. Nesta passagem da peça, Hamlet provoca os atores fantasiados com vestes femininas, sugerindo um distanciamento de um comportamento considerado mais apropriado tradicionalmente atribuído à figura feminina, principalmente no contexto de produção da obra. Nos tempos de Shakespeare, mulheres não eram permitidas no palco, delegando os papéis femininos a jovens adolescentes.

VIEIRA, Pedro Luís Sala. Memória e intertextualidade: a presença shakespeariana nas traduções brasileiras de *Ulysses*, de James Joyce. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 59-77.



Memória e intertextualidade: a presença shakespeariana nas traduções brasileiras de Ulysses, de James Joyce

Enquanto Houaiss optou pelo duplo sentido ao verter este excerto para “pondo-se de pontas para mais perto do céu na altitude de um chapim” (p. 220), uma vez que “chapim” também pode referir-se uma espécie de ave, Galindo optou precisamente por manter a referência ao animal, conforme se verifica pelo uso do verbo “voar”: “na ponta dos pés aproximava-se do paraíso como voa um chapim” (p. 348). Pinheiro não deixou de referir-se ao aspecto feminino em sua versão, limitando o termo ao sentido conferido por Edwards, permitindo a aproximação à figura de Ofélia: “se aproximando na ponta dos pés do céu com a altura de uma mulher de chapim” (p. 234). Dos exemplos listados, trata-se da passagem com maior interferência do tradutor no plano interpretativo do texto-fonte e sua respectiva intertextualidade com a peça.

Enquanto faz a sua exposição, Stephen reage à recepção dos seus interlocutores da seguinte forma: “They list. And in the porches of their ears I pour”, passagem claramente alusiva ao momento em que o Hamlet pai descreve o modo como foi assassinado. Stephen faz uma analogia entre a sua exposição oral, lançando aos ouvidos dos interlocutores as suas palavras e explicações, tal qual o veneno derramado por Claudius, o usurpador, nos ouvidos do seu irmão. Outro excerto digno de nota é momento em que Stephen profere o seu discurso e reflete o seguinte: “They list. *And in the porches of their ears I pour.*” (p. 161, grifo meu). A passagem destacada retoma o instante do primeiro ato da peça em que o fantasma conta a Hamlet a forma como fora assassinado: “And in the porches of my ear did pour / The leperous distilment [...]” (I.V.63-64). Stephen traça uma analogia entre a sua palestra e o veneno responsável por eliminar o Rei Hamlet. Stephen replica este paralelo na sua teoria: “The soul has been before stricken mortally, a poison poured in the porch of a sleeping ear” (p. 161).

Na tradução, Houaiss optou por “E no vestibulo de suas orelhas eu verto” (p. 224); Pinheiro decidiu por “E nos pavilhões de seus ouvidos eu derramo” (p. 238). Galindo, por sua vez, optou por “E nos átrios de seus ouvidos derramo.” (p. 353). Houaiss foi o único à escapar da regra e utilizar “orelhas” em vez de “ouvidos”,

VIEIRA, Pedro Luís Sala. Memória e intertextualidade: a presença shakespeariana nas traduções brasileiras de *Ulysses*, de James Joyce. *Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica*, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 59-77.



Pedro Luís Sala Vieira

atentando-se à parte externa em detrimento da interna, além da assonância observada pelo uso de “vestíbulo” e “verto”, conferindo tom poético a este termo. O uso de “verto” também implica a persuasão que envolve o discurso de Stephen no momento de sua fala, construindo um vínculo maior com o instante do romance do que com a peça. Pinheiro e Galindo, por sua vez, escolheram o verbo “derramar”, recriando a cena shakespeariana e mantendo o paralelo entre os dois instantes.

O último exemplo digno de destaque nesta breve análise reside na discussão sobre o relacionamento de Ann Hathaway com Shakespeare, a quem Stephen se refere como “the mobled queen”: “She lies laid out in stark stiffness in that secondbest bed, *the mobled queen*,” (p. 169). Enquanto *secondbest bed* constitui referência explícita à cama que Shakespeare deixou para a sua esposa conforme estabelecido em seu testamento, os termos destacados reproduzem as mesmas palavras utilizadas por um dos atores de *A Ratoeira*: “But who – ah woe! – had seen the mobled queen –” (II.ii.458). Edwards interpreta esta palavra como “muffled”, termo utilizado comumente para tratar de um som abafado, emitido com ruídos em sua transmissão ou impedido parcialmente de se transmitir em sua plenitude por razões externas.

Houaiss verteu como “a rainha encabrestada” (p. 235), transmitindo a ideia de uma rainha subjugada à dominação do outro, tal qual a condução de um cavalo por um cavaleiro. A tradução de Galindo transmite esta mesma concepção com a escolha por “rainha amordaçada” (p. 366), sendo possível argumentar que a ausência do artigo definido pode induzir à ideia de que ela está atada à cama: “Ela jaz estendida em rígido rigor naquela segunda melhor cama, rainha amordaçada” (p. 366). Pinheiro, por sua vez, optou por uma opção mais literal do termo, omitindo a ideia de submissão: “a rainha encoberta” (p. 248).

As referências e alusões listadas e discutidas acima, embora não abranjam o capítulo em sua totalidade em virtude da limitação do escopo deste estudo, apresentam indícios do caráter intertextual no tocante à obra shakespeariana nas versões brasileiras do romance irlandês de James Joyce. Os elementos intertextuais ora constituem uma proximidade com a obra referenciada, ora se distanciam da obra, omitindo o eco

VIEIRA, Pedro Luís Sala. Memória e intertextualidade: a presença shakespeariana nas traduções brasileiras de *Ulysses*, de James Joyce. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 59-77.



Memória e intertextualidade: a presença shakespeariana nas traduções brasileiras de Ulysses, de James Joyce

shakespeariano que ressoa no texto de partida e, por conseguinte, o elemento do precursor. As opções dos tradutores, como se pôde observar, foram variadas e transmitiram diferentes visões sobre a presença do bardo, construindo, como consequência, distintas imagens de Shakespeare incutidas no âmbito do romance. Assim como cada tradução de *Ulysses* simboliza uma diferente versão e interpretação da obra, o mesmo efeito incide no modo como as relações intertextuais são apresentadas no texto traduzido.

6. Considerações finais

O conceito de memória utilizado na presente reflexão consiste no seu aspecto cultural e coletivo, no sentido de constituir elementos que todos nós compartilhamos e que estão inscritos naquilo que somos e construímos do ponto de vista histórico, e ligado a uma noção de recepção da obra literária dentro de uma cultura distinta e distante histórico e culturalmente do texto de partida. O tradutor de *Ulysses* não apenas se depara com as dificuldades inerentes à obra, mas também com a questão de trazer o Shakespeare de Joyce a culturas que não possuem a mesma relação com o autor em virtude do segundo labirinto formado pelas novas camadas que esta intertextualidade produz. A questão da memória cultural, portanto, é um fator relevante na discussão da relação entre o texto traduzido e a intertextualidade literária.

Os estudos literários em torno da relação entre os dois se dedica principalmente em compreender a imagem de Shakespeare construída por Joyce em sua obra. Considerando que o texto traduzido traz novas impressões a respeito do autor irlandês na recepção da cultura-alvo, podemos discutir a possibilidade que as traduções também alteram o Shakespeare de Joyce por meio da reformulação ou mesmo da omissão das relações intertextuais existentes na obra, além da complexidade da memória coletiva da



cultura receptora detectar a existência de Shakespeare em determinadas passagens do romance.

A análise das alusões e referências a Shakespeare em cotejo às suas respectivas traduções buscou apresentar a relevância de discutir a presença do bardo tanto no texto de partida quanto no texto-alvo, evidenciando a complexidade da tarefa do tradutor diante de um público leitor que não compartilha das referências culturais. Ainda que o tradutor busque o eco de Shakespeare na obra de Joyce em suas traduções, o ruído na comunicação com a memória coletiva da cultura receptora permanece como consequência do distanciamento temporal e cultural. Deste modo, podemos refletir a respeito da possibilidade de discutirmos formas de reduzir o distanciamento e o ruído desses movimentos sem necessariamente recorrer a formas tradicionais como a produção de notas explicativas.

A presença shakespeariana em *Ulysses*, em virtude do seu caráter espectral, constitui tamanho grau de relevância que impede o tradutor de abrir mão de percorrer em seu labirinto. A memória cultural da língua de chegada em torno da figura shakespeariana depende de outros fatores desvinculados da intervenção dos tradutores, como a existência de versões canônicas da obra shakespeariana e a construção de um imaginário em torno da obra e do autor que permita a identificação de sua presença em obras variadas. A discussão em torno da memória coletiva e do acesso compartilhado de recursos simbólicos e semióticos merece uma reflexão crítica mais aprofundada no âmbito dos estudos de tradução e recepção de textos literários em variadas culturas e épocas.

Referencias

BAKHTIN, Mikhail [1979]. *Estética da criação verbal*. Tradução feita a partir do francês de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2 ed. Martins Fontes: São Paulo, 1997.
BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

VIEIRA, Pedro Luís Sala. Memória e intertextualidade: a presença shakespeariana nas traduções brasileiras de *Ulysses*, de James Joyce. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 59-77.



Memória e intertextualidade: a presença shakespeariana nas traduções brasileiras de Ulysses, de James Joyce

- BENJAMIN, Walter. *A tarefa do tradutor*. In: GAGNEBIN, Jeanne Marie (Org.). *Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)*. Tradução de Susana Kampff Lages. São Paulo: Editora 34, 2011, pp. 101-19.
- BLAMIRE, H (1966). *The New Bloomsday Book: a Guide through Ulysses*. 3.ed. London and New York: Routledge, 1996.
- BLOOM, Harold (1996). *O Cânone Ocidental: Os grandes livros e os escritores essenciais de todos os tempos*. Tradução, introdução e notas de Manuel Frias Martins. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013.
- BLOOM, Harold. (1997) *A Angústia da Influência: uma teoria da poesia*. Tradução de Marcos Santarrita. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

Recebido em: 01/07/2024

Aceito em: 05/09/2024

VIEIRA, Pedro Luís Sala. Memória e intertextualidade: a presença shakespeariana nas traduções brasileiras de *Ulysses*, de James Joyce. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 59-77.